

HISTÓRIAS DO FUNDO DO BAÚ

Volume III



CONTOS DE DONA CARLOTA



EDUNEB

Histórias do Fundo do Baú

Volume III

CONTOS DE DONA
CARLOTA



EDUNEB

SALVADOR

2009

© 2009 Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida
ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil 2009.

Ficha Técnica

Organização, seleção e transcrição dos contos
Edil Silva Costa

Revisão e estabelecimento dos textos
José Carlos Freitas

Ilustração da capa
Luiz Ramos

Projeto Gráfico, Projeto Visual e Editoração
Sidney Santos Silva

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Central da UNEB
Bibliotecária : Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Contos de Dona Carlota / Organizado por Edil Silva Costa . – Salvador : EDUNEB,
2009.

52p.

Série: Histórias do fundo do baú ; v. 3.

ISBN :978-85-7887-024-9.

1. Contos. 2. Lendas. 3. Folclore brasileiro. I. Costa, Edil Silva.

CDD : 808.8308

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Avenida Jorge Amado, s/nº - Boca do Rio Salvador-BA - CEP. 41.710-050
Tel. (71) 3371-0107 / 0148 - R. 204/217
editora@listas.uneb
www.uneb.br

Apresentação:

O Baú se Abre

Esta coletânea é fruto do trabalho de anos de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. Mas, acima de tudo, é feita por narradoras e narradores que emprestam seu corpo e sua voz para dar continuidade a outras vozes vindas de tempos remotos. Tiradas do fundo do baú da memória, os textos aqui reunidos são dedicados a jovens que, ouvindo, lendo, recontando, reescrevendo, são também elos dessa corrente. Do mesmo modo, a Coleção é dedicada aos professores que irão compartilhá-la com seus alunos. Trilhando juntos esse caminho, fortalecemos nossos laços comunitários e familiares. Ao reunir as vozes de avós e netos, percebemos que o mais tradicional é também o mais contemporâneo.

Idealizada e iniciada pela Professora Doralice Alcoforado, esta Coleção visa reaproximar alunos e professores da nossa rica tradição oral, levando para a escola os contadores tradicionais e suas narrativas. A equipe que trabalhou na adaptação dos textos procurou não perder de vista que a letra nunca vai conseguir representar a performance dos contadores, mas deve se esforçar para que a memória da oralidade seja recuperada no momento da

leitura. Os textos que ora apresentamos sofreram a interferência necessária para sua inserção no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, promover a saída desse ambiente para a comunidade, para além dos muros da escola e da cultura letrada.

Os contos que foram selecionados para a Coleção formam cinco volumes: o volume 1: *Contos de D. Luiza* reúne sete deliciosas histórias de exemplo e encantamento narradas por Dona Luiza Cruz do Nascimento que tem um jeito todo especial de educar divertindo. No volume 2: *Contos de Animais* estão oito histórias do tempo em que os bichos falavam que nos foram contadas por homens e mulheres, de Salvador e do interior do Estado. O volume 3: *Histórias de Pedro Malasartes* convida o leitor a refletir sobre a esperteza desse personagem que faz rir pelo modo quase sempre ilícito de derrotar seus adversários. O volume 4: *Contos de D. Carlota* apresenta as narrativas, a maior parte contos de exemplo, de Dona Carlota Couto Farias, moradora de Salvador. Fechando a coleção, o volume 5: *Contos de D. Sônia* traz as narrativas de Dona Sônia Pinto, narradora da cidade de Alagoinhas, interior da Bahia, que se faz presente.

O baú, cheio de histórias, agora se abre. Dele retiramos e nele colocamos nossa memória.

Salvador, novembro de 2008.

Edil Silva Costa

CONTOS DE DONA CARLOTA

Os contos de Dona Carlota nos remetem aos tempos dos nossos avós. Tempos em que a televisão, o vídeo-game e a Internet ainda não existiam para ocupar nossos ouvidos, mentes e olhos.

No quente aconchego da cozinha, com ou sem fogueira à lenha, nas noites frias; ou, nas refrescantes varandas e terreiros nas noites quentes, a fantasia corria solta em nossa imaginação a partir das mágicas palavras “Era uma vez...”

A partir dessa senha sabemos que vão se desenvolver histórias com heróis e casamentos de princesas, personagens mágicos para ajudar ou atrapalhar os ho-

mens, animais que compreendem e que são compreendidos por humanos, a punição severa daqueles que fizeram o mal, e muitas outras emoções e caminhos que uma estória pode seguir, a depender do estado de espírito de quem conta e de quem está ouvindo.

Nos cinco contos aqui apresentados, a tradição da oralidade foi mantida, pois assim foram criados e assim chegaram até nós. Nos preocupamos em atualizar apenas o vocabulário e retirar algumas marcas repetitivas de reiteração, pronomes pessoais em demasia e a concordância confusa, devido à espontaneidade da performance.

José Carlos Freitas

Índice

O Camboatá Encantado.....	9
A história do rei e o leão.....	13
A história da avó e o neto	17
A história de uma princesa que virou juiz	25
A história de Zezinho e Mariquinha.....	39



O CAMBOATÁ ENCANTADO

Era uma vez um casal pobre, muito pobre. Para poderem se alimentar, o marido vivia pescando. Pescava esses peixinhos de água doce, peixe miúdo. Um dia ele foi pescar e de repente vem um peixinho escuro, um camboatá e disse:

– Ah, não me pegue não, me deixe aqui mesmo, porque você não vai cuidar de mim. Eu sou assim escuro, mas só posso viver no asseio, em água bem limpa. Você vai me botar numa vasilha e mudar minha água todo dia? Porque eu não posso ficar em água suja não.

– Ora, se tudo fosse isso!

– Então, se você fizer isso, eu vou lhe dar uma casa boa, com tudo direitinho. Vou arrumar sua vida.

Ele foi pra casa e levou o peixinho. Chegou lá, lavou uma talha, botou o camboatá dentro e disse:

– Ó camboatá, cadê?

– Se você cumprir nosso trato, você terá a sua casa direitinha.

O camboatá colocou ele e a mulher numa casa boa, com tudo direitinho mesmo. A mulher ficou muito contente, muito satisfeita. Mas ela era vadia! O marido tinha suas ocupações, e a mulher não queria limpar a talha. Nos primeiros anos, ela até cuidava, mas depois, deixou. Quando foi um dia, o camboatá disse:

– Ih! Está faltando alimentação. Cadê? Não tem.

Aí o marido perguntou:

– Você mudou a água do camboatá?

– Ah, não! Espere aí.

Quando ela chegou para mudar a água, o cambo-

atá estava se batendo. Ela aí mudou a água. Logo, logo melhorava tudo, melhorava de vida. Tá melhorando uma coisa, outra e tudo. O marido, aceitando os trabalhos... Um dia, ela estava distraída, olhou e, quando viu, o camboatá estava se batendo dentro d'água. Ela disse:

– Ih! O bichinho está pra morrer! Olhe, está sem água.

Chegou perto, só restava muito pouca água, e o camboatá se batendo, chega esparramava aquela água na talha toda. Ela disse pro marido:

– Ih! Esse bicho está dando um trabalho danado! Eu acho que agora nós não vamos piorar de vida mais não. Vamos jogar esse bicho fora. Ora, que bicho abusado! Ele disse que só quer água limpa, mas quando se passam uns dias, olha a água, que imundície está!

O camboatá está ali quieto, ouvindo! O marido disse:

– Não, mulher, você deve limpar. Limpe a talha direitinho, bote a água.

Ela botou a água. Passados uns meses, nada dela trocar a água. A água já estava muito suja, quando o camboatá disse:

*- Olhe, ora, vamos-nos embora,
que eu aqui não tenho nada.
É certo o que o povo diz:
"Camboatá é que suja a água".*

Foi saindo e carregando tudo. Tudo de dentro de casa saiu voando. E a mulher ficou sozinha numa casa velha, sem nada. Então disse:

– Venha cá, camboatá! Venha cá, que eu quero mudar sua água!

E o camboatá foi-se embora e nunca mais voltou.

A HISTÓRIA DO REI E O LEÃO

Era um rei que tinha um filho, o príncipe que gostava de fazer passeios, caçadas e aventuras. Então, saíram de navio e foram para uma ilha, um lugar para caçar. E lá começaram a caçar, a se distrair e ele sumiu dos camaradas. Ficou perdido. Passou muito tempo e terminou os mantimentos... Toda noite ia pra cima de um arvoredor para dormir que não tinha aonde dormir. O navio já tinha voltado, ele ficou ali em cima do arvoredor. Nisso aparece um leão. Parecia que estava ferido. Ele lá prestando atenção e com medo, bastante medo. Disse:

– Parece que aquele leão está ferido.

O leão veio, se deitou junto do arvoredor e botou a pata para cima. O príncipe observou e desceu devagar, chegou perto do leão, alisou, ele não fez mal nenhum. O príncipe foi ver o que era que ele tinha na pata. Isso era uma enfermidade, um pau que tinha ferido e estava inflamado. Ele tratou o leão e o leão agradecia batendo a cauda. Quando cicatrizou, os dois ficaram amigos. Aonde o leão ia, ele ia também atrás. O leão foi com ele para o mato, pegou umas caças e ficaram ali muitos anos, já estavam acostumados ali. O príncipe todo maltrapilho, todo sujo, barbudo. Depois, cada qual foi para um lado, o príncipe chegou a um lugar que passava um navio, os homens que o salvaram eram caçadores de leões. Pegaram também em outro lugar um leão. E levaram eles para outro reinado onde prenderam o leão e escravizaram aquele homem botando pra varrer rua.

Depois de muito tempo, disseram assim:

– Agora vamos ter uma distração!

Era acostumado naquele lugar, pegar um dos presos e botar pro leão devorar. Pegaram o varredor de rua e disseram:

– Vamos botar este homem, muito sujo... vamos botar pra ele ser devorado.

Botaram ele e soltaram o leão. Quando soltou o leão, o leão veio correndo pra devorar ele. Quando chegou perto, conheceu, foi o leão que ele tinha tratado. Abraçou ele, botou as patas no ombro e o pessoal ficou agoniados. Disseram:

– Esse homem... isso é alguma coisa que ele fez, como é que um leão brabo desse fez isso?

Ele disse que era um príncipe. Contou a sua própria história. Não acreditaram, soltaram outro. Começaram a dar risada, dizendo:

– Ele é príncipe nada! Já viu um príncipe assim, desse jeito?!

Aí soltaram outro leão. Quando soltou o outro leão, o leão que protegeu ele foi em cima, brigou muito e matou o outro. O chefe impressionado com aquilo, disse:

– Vamos ouvir este homem. Tragam ele aqui.
Quando o príncipe chegou, contou a sua história.

– Eu sou filho do Rei Fulano de Tal, saímos pra fazer uma caçada de navio e eu me perdi, mas nunca mais encontrei pessoa nenhuma pra voltar pra casa.

Alguém lembrou do acontecido e disse:

– Houve essa história mesmo, o rei perdeu um filho.

Mandaram chamar os pais, deram banho e fizeram a barba, e ele foi reconhecido como filho do rei, era um príncipe.

A HISTÓRIA DA VÓ E O NETO

Era uma avó muito pobre com o seu neto. Não tinha nem o que comer. O menino um dia foi caçar. Armou uma arapuca, que era coisa antiga, e pegou uma coca. Chegou em casa, disse:

– Minha vó, prepare essa coca pra nós comer.

Ela preparou. Mas tava com tanta fome que ia tirando pedacinhos da coca e comendo. Quando terminou, só tinha o caldo. Ela pensou:

– Meu Deus! O que é que eu dar a meu neto?

Ele chegou com a farinha e disse:

– Minha vó, faça o escaldado.

Ela fez aquele escaldado e botou pra ele.

– E a coca, minha vó?

Ela disse:

– Ah, meu filho, eu botei a coca ali no prato, o gato veio e comeu!

Ele achou aquilo estranho pois ela tinha muito cuidado... Ele começou a comer e achou com gosto de angu. Pra não brigar com a avó, disse:

– Parede, tu quer angu?

A Parede disse:

– Quero!

Ele pegou... o angu e jogou na parede e o angu desapareceu. Ele disse:

*– Parede, tu me dê meu angu,
O angu que minha vó me fez,
Minha vó comeu minha coca,
Coca que o mato me deu!*

A parede disse que não tinha. Ele viu assim metido na parede um pedaço de sabão. Apanhou

aquele pedaço de sabão e saiu. Ao chegar na beira do rio viu uma mulher lavando roupa sem sabão, somente batendo, batendo a roupa. Ele disse:

– Mulher! Tá lavando roupa sem sabão? Tome o sabão.

Quando a mulher lavou toda a roupa, ele disse assim:

– Mulher, tu me dê meu sabão!

Mulher, tu me dê meu sabão,

O sabão que a parede me deu,

A parede comeu minha coca,

Coca que o mato me deu!

A mulher respondeu:

– Tome esse canivete.

Ele seguiu com aquele canivete. Chegou no meio do caminho, tinha um homem fazendo um cesto cortando com os dentes. Ele perguntou:

– Homem, você quer esse canivete pra cortar o cipó?

O homem começou a fazer cestos usando o canivete e fez logo uma porção. O menino disse

*Seu homem, me dê meu canivete,
Canivete que a lavadeira me deu,
A lavadeira tomou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
A parede comeu meu angu,
Angu que minha vó me fez,
Minha vó comeu minha coca,
Coca que o mato me deu!*

O homem disse:

– Tome esse cesto!

Ele saiu com aquele cesto. Chegou no meio do caminho, encontrou um padeiro fazendo pães e botando numa toalha.

– Por que ‘tá botando assim? Tome esse cesto!

Quando o homem botou todos os pães no cesto, ele disse:

*Seu padeiro, me dê meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu,
Cesteiro tomou meu canivete,
Canivete que a lavadeira me deu,
A lavadeira tomou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
A parede comeu meu angu,
Angu que minha vó me fez,
Minha vó comeu minha coca,
Coca que o mato me deu!*

Ele disse:

– Eu não posso, tome esse saco de pães!

Ele aceitou aquela porção de pães e saiu. Ao passar por uma casa, encontrou uma família, de manhã cedo, comendo farinha. Ele disse:

– Tantas crianças famintas! Tomem esses pães.

Depois que comeram todos os pães, ele cantou:

*- Sinhá família, tu me dê meus pães,
Os pães que o padeiro me deu,
O padeiro tomou meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu,
Cesteiro tomou meu canivete,
Canivete que a lavadeira me deu,
A lavadeira tomou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
A parede tomou meu angu,
Angu que minha vó me deu,
Minha vó comeu minha coca,
Coca que o mato me deu!*

A mãe respondeu:

– Nós não temos mais! Leve essa moça com você!

Ele saiu com a moça e disse:

– O que é que eu vou fazer com essa moça, eu não posso nem me sustentar, quanto mais sustentar uma

moça! Eu vou ver se eu encontro alguém pra lhe dar!
Saiu com a moça por ali. Surge um homem com uma viola. Ele disse assim:

– O senhor não quer casar com essa moça aqui?

O homem falou:

– Tou mesmo procurando uma moça pra me casar!

– Pode ficar com essa.

Quando o homem foi saindo, ele cantou:

*- Home, tu me dê minha moça,
Moça que a família me deu,
A família tomou meus pães,
Pães que o padeiro me deu,
Padeiro tomou meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu,
O cesteiro tomou meu canivete,
Canivete que a lavadeira me deu,
A lavadeira tomou meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
A parede comeu meu angu,*

*Angu que minha vó me fez,
Minha vó comeu minha coca,
Coca que o mato me deu!*

O homem disse assim:

– Eu não posso mais devolver, tome essa viola.

Ele pegou a viola e andou muito tocando, quando não viu mais nada pra trocar, descansou debaixo de uma árvore e cantou:

*- De coca virou angu,
De angu virou sabão,
De sabão virou cesto,
De cesto virou pão,
De pão virou moça,
De moça virou viola,
Tingue-lingue-lingo
Eu já vou para Angola,
Tingo-lingo-lingo
Eu já vou para Angola!*

A HISTÓRIA DE UMA PRINCESA QUE VIROU JUIZ

Eram dois amigos. Dois homens. Viviam todos dois negociando, moravam os dois na mesma residência, não eram parentes. Um saía para vender fora. Vender as mercadorias em outros lugares. E o outro ficava sempre na venda. Uma casa de negócios, secos e molhados. Quando ele voltava, o amigo sempre tinha um presente pra dar a ele, mas ele viajava e nunca trazia nada, nem uma fruta. O amigo que ficava, disse:

– Você viajou, passou um tempo fora, eu comprei essa meia pra você e tem um sapato também.

Passado muitos anos, muito tempo, o outro pensou assim: “Mas, meu Deus, eu nunca dei nada ao meu amigo! Meu amigo sempre tem o que me dar e eu nunca dei nada. Eu viajo e não trago nada. Mas ele tem tudo, o que é que eu vou dar? Quando eu chego, ele tem é fruta, é tudo, tudo pra me dar. Mas eu hei de arranjar uma coisa.”

Numa de suas viagens, ele chegou em um reino onde o rei era muito severo e não deixava nem a princesa, nem a rainha chegar na janela. Então o rapaz foi fazer a barba defronte do palácio. Quando ele sentou, viu alguém na janela do palácio e perguntou:

– Que moça é aquela?

Respondeu o barbeiro:

– A princesa. O rei viajou e a princesa e a rainha chegam na janela. É de tempos em tempos, quando ele viaja.

Ele disse:

– Espera aí, deixa eu tirar uma foto que eu vou levar de presente pro meu amigo.

Pegou a máquina e tirou o retrato da moça. Era como uma deusa...! Muito bonita e encantada. Voltou pra casa. Quando chegou lá, contou ao amigo:

– Olhe, eu trouxe isso pra você, mas você tem que viajar amanhã porque o rei só foi passar oito dias fora. Leve o ouro que eu estou vendendo pra você ver se conquista a moça, você diz que só se casa com uma moça bonita, olha aqui.

Ele disse:

– Estou louco por esta moça! Foi o melhor presente que você me deu!

Ele viajou. Quando chegou lá, foi direto pro palácio. Bateu, vieram os vassallos, procuraram...

– Pode entrar...

Procurou saber se podia subir. A rainha deu autorização.

– Vamos ver o que é que o senhor tem pra vender.

– É ouro, muito ouro.

Pegou uma porção, botou no colo da rainha e botou pouco no colo da princesa. Ele falou:

– Estou com sede.

Mas aquela sede ele já tinha falado nos olhares pra ela, dizendo que estava gostando, queria falar com ela. Então a princesa disse assim:

– Não tem quem vá buscar água.

Ela mandou logo as empregadas saírem dali pra ela poder olhar a mercadoria. Disse:

– Não tem quem vá. Vá ali, mamãe, depressa!

Ela fazia muito a vontade da filha, a rainha foi. Ele aí combinou:

– Eu quero lhe ver, quero conversar, onde posso?

Respondeu:

– Umas três horas no jardim.

Ensinou a ele, ele disse:

– Tá certo.

Quando a rainha veio, ele bebeu a água. Elas escolheram as jóias e se despediram.

Então, às três horas, foram pro jardim e chegaram lá, combinaram. Ela disse:

– Olhe, eu tenho de ir com você. Eu quero me casar e meu pai disse que eu não me caso.

– Então, como é que eu vou poder lhe levar?

Ela disse assim:

– Olhe, meia-noite você vem me buscar. Fique aí embaixo que eu vou buscar a roupa.

Pegou todas as jóias, muito dinheiro e fez uma trouxa de roupa. O homem ficou satisfeito, tomou muita cerveja, entrou no lugar que ela marcou, dormiu ali. Nesse lugar morava um sapateiro. Tinha um sapateiro e o sapateiro era ladrão de galinha. Ele esperava ter as oportunidades pra roubar. Principalmente quando o rei viajava.

A princesa chegou e subiu no telhado. O sapateiro lá embaixo. Ela disse assim:

– Posso descer? Vou jogar minha bagagem!

Ele respondeu:

– Jogue! Jogue!

Ela amarrou uma corda e jogou. O sapateiro ladrão já estava com um animal bem arreado. Ele disse:

– Espere aí um momento.

Foi lá dentro, viu que o homem estava dormindo. Olhou nos bolsos do homem todo, onde viu um punhal. Ele apanhou o punhal, pegou o dinheiro que o homem carregava. Depois voltou e mandou ela descer, ela desceu, montou no animal com ele e saíram. E o homem ficou dormindo. Correram a cidade toda. Parou na porta do palácio. A princesa não gostou:

– Oxente! A conversa nossa, qual foi? Você não disse que ia me levar? Eu não quero ficar aqui. Vamos, vamos! Vamos... senão amanhece o dia e todo mundo vai saber que eu ia fugir.

O sapateiro falou:

– Eu não sou o rapaz que você está pensando, não. Eu sou ladrão de galinha, o sapateiro que de vez em quando rouba galinhas. O que é que você quer?

– Eu quero é meu noivo que ia me buscar, um rapaz que com quem eu ia fugir por causa de meu pai e eu não vou ficar com você.

– Eu também sou casado, não lhe quero.

Ela puxou uma das trouxas que levava, a maior e deu a ele. Ele olhou e disse:

– Isso aqui é a roupa, tome! Eu quero é dinheiro.

Mas ela tinha botado dinheiro em todos os lugares. Ela deu o dinheiro que estava com o ouro, depois falou:

– Não toque a mão em mim. Tome aqui o dinheiro com o ouro.

E se escondeu nos matos dizendo:

– Eu não vou voltar pra casa que já vai amanhecer o dia.

Quando foi amanhecendo o dia, o homem acordou, olhou, não viu pessoa nenhuma, viu aquela corda. Deu no pé, pegou a embarcação e foi embora. Não viu mais o ouro, nem nada que ele estava vendendo. Pensou: “Eu fui roubado.”

A princesa continuou no mato, encontrou a casa de uma velha. Chegou naquele lugar e disse assim:

– Minha senhora, eu estou aqui com muito dinheiro, sou uma princesa, eu estou fugida. Não quero que ninguém saiba que eu estou aqui. Eu quero que a senhora me esconda.

A senhora disse:

– Está certo. Eu tenho uma casinha muito distante daqui. Muito distante daqui mesmo. Eu vou levar a senhora pra lá.

A princesa disse:

– Eu vou contar tudo à senhora.

A criatura foi mesmo que ser uma mãe. A moça chorava que era um horror. Que infelicidade aconteceu com ela! A senhora disse:

– Não tem nada, não, de' stá que não vai lhe faltar nada!

Cuidou da princesa. Passado muitos anos, muito tempo, ela disse:

– Olhe, eu sei muito bem ler, eu sou formada. A

senhora sabe mais ou menos onde fica outra cidade, outro reinado por aqui?

A velha respondeu:

– Sei.

– Então a senhora leve esse dinheiro, compre uma muda de roupa de homem com chapéu e depois corte o meu cabelo.

Naquele tempo, os homens usavam chapéu e ela se trajou de homem com gravata e tudo. Chegou na outra cidade disse que era Juiz de Direito e que tinha sido mudado pra aquele lugar. Foi uma festa, aceitaram ela com muito respeito. Ficou muitos anos.

O homem que ia fugir com ela não foi mais pra cidade onde tinha uma venda com o amigo. Ficou com vergonha de contar o que aconteceu. Ficou pelo mundo, zanzando, sem ter dinheiro nenhum. Foi viver em outros lugares, ficou trabalhando em outras coisa que ele era entendido.

E a princesa sendo juiz. Todas as causas ela julgava, todo mundo gostava dela, aquela redondeza toda. E o pai nunca mais soube notícias dela.

Certo dia o homem aparece na casa do sapateiro que estava bem de vida com tanto dinheiro e jóias que a princesa lhe deu. Deixou de ser sapateiro, botou uma loja bem montada e tinha bastante empregados. O homem foi trabalhar lá. Disse:

– Eu quero trabalhar de sapateiro.

O sapateiro perguntou:

– Você sabe?

– Eu já fui ajudante uma vez.

Começou a trabalhar. Como era muito educado, muito direito, o sapateiro, dono da loja, deu muita confiança a ele. Quando era dia de domingo, ele convidava também ele, para fazer as refeições com os amigos na casa dele. Por muito tempo. Disse:

– Mas eu admiro você, mas não entendo como um rapaz instruído e nunca teve dinheiro?

Ele respondeu:

– É da sorte... Já tive dinheiro, já esbanjei, já joguei fora. Não quis contar sua história. Ele nunca deixou

de tirar do bolso dele o retrato da moça. Aí ele contou tudo, o sapateiro. O sapateiro disse:

– Menino, não se desespere, não. Eu vou lhe contar minha vida. Contou toda a história e comentou:

– O miserável sujeito deitado... Quem contrata com uma moça, uma princesa e vai dormir é porque não quer nada, né? Ele merecia era uma boa surra de bainha de facão.

O homem perguntou:

– E você sabe desse homem?

– O sujeito com certeza ou morreu ou foi-se embora, sei lá! Eu sei que eu estou é bem de vida há não sei quantos anos.

Olha rapaz, o que mais me interessou naquele roubo, o que eu achei mais bonito, que eu nunca vendi, foi isso.

Foi lá dentro, apanhou o punhal e mostrou a ele. Quando mostrou, o homem pegou o punhal e matou o sapateiro, disse:

– O sujeito sou eu! Não se deve fazer isso, se você quisesse roubar, roubasse, mas você não devia ter feito uma coisa dessas!

A família do sapateiro, que tratava ele com amizade e respeito prenderam ele e levaram para o julgamento. Chegou lá, o juiz reconheceu o homem preso mas não ligou:

– Mas diga qualquer coisa. Porque você matou? Não se mata pessoa nenhuma assim, por que matou?

– Seu juiz, eu ‘tou vingando.

– Mas vingando de quê? Por quê?

– Mas seu juiz, eu ‘tou vingado.

– Então, você vai ficar preso até confessar.

Mas ele não queria dizer nada. Até que um dia, ele foi à presença do juiz e disse:

– Doutor, eu falo, mas só falo ao senhor.

– Mas não pode, tem de falar na presença de todos.

O homem insistiu:

– Depois eu falo na presença de todos, mas eu quero falar ao senhor só.

O juiz aceitou. Ele contou tudo. E no final, falou:

– E por incrível que pareça, o retrato que tenho da princesa é a cópia fiel do senhor, não leve a mal.

Tirou o retrato e mostrou. O juiz disse:

– Esse caso foi comigo. Eu sou a princesa, mas você não diga a ninguém por enquanto. O senhor vai preso novamente e eu vou ao encontro do senhor que é pra explicar tudo o que o senhor tem de fazer.

Chegou tarde da noite, ela foi até a cadeia e disse:

– Olhe, vai ser hoje, o senhor vai ser livre, mas eu tenho de preparar tudo. O senhor não negue nada, como o senhor contou, o senhor tem de contar tudo minuciosamente.

Na hora, muitos convidados, muito povo, até a própria família do sapateiro. O juiz pediu silêncio e falou:

– O réu vai contar agora por que foi que ele matou o sapateiro.

O homem contou tudo sem faltar nada e falou para todos:

– Este juiz é a cópia fiel da princesa. Olha aqui o retrato.

Ela confirmou que o caso realmente aconteceu com ela. Que ela não ia mendigar na rua quando terminasse o dinheiro, ela era uma pessoa que tinha muitas formaturas que o pai tinha dado, por isso se fez passar por juiz, mas, daquele dia em diante, ela não ia mais ser o juiz. Se o pessoal quisesse, ela podia ser a Juíza, julgando as causas com honestidade. Se eles não quisessem, tinham de mandar vir um juiz de outro lugar... O pessoal, que gostavam muito dela, disse que ela ia ficar e eles foram se preparar para o casamento. A família do sapateiro ficou sabendo que ele era ladrão e que o errado foi ele.

*Entrou por'uma porta
E saiu pela outra
Quem achou ela bonita
Que me conte outra.*

A HISTÓRIA DE ZEZINHO E MARIQUINHA

Era uma vez uma família. Um senhor de engenho que tinha muitos escravos. No dia que a sinhá deu luz a uma menina, a escrava tinha dado também luz, nasceu um menino, muito bonito, não era menino escuro, parece que era de algum senhor de engenho, mas muito bonito. E cresceu esses dois meninos na fazenda. A dona do engenho botou o nome dele José, chamavam ele de Zezinho. E ela, Maria, chamava Mariquinha. Ele tinha muita amizade a Maria, mas já estavam ela mocinha e ele rapazinho, e ela sempre dava presente a

ele. Sempre que a mãe comprava algo para a menina, ela pedia:

– Compre também pro Zezinho!

Ela comprava. Mas o pai não gostava. Ninguém sabe por que, mas ele não concordava. Ele vivia dizendo:

– Ah, não suporto mais! Vamos dar fim a este Zezinho, sabe? Porque minha filha tudo quer dar pra ele.

A mãe defendia:

– Que nada, é bobagem! Ela tem muita amizade a ele. Ele é um moço muito bom.

Um dia, coitado, ele apanhou um favo daquele e disse:

– Mariquinha, olhe pra aqui, que beleza! Você já viu um favo de mel?

Ela disse:

– Ah, não, Zezinho, que beleza! Me dê, que beleza!

O pai dela viu ela dando aquilo, ela correu, mostrou à mãe:

– Olha que beleza mamãe! O Zezinho me trouxe!

A mãe olhou assim, não gostou, disse:

– Olhe, não está ficando muito bom, Mariquinha, porque ele hoje traz essa bobagem, amanhã traz outra e você deve se separar mais um pouco dele. Não se separe de tudo, mas se separe.

Ela foi criada ali, tudo só retratava aquele menino. O pai foi até a casa dos escravos e disse para Zezinho:

– Seu lugar é aqui, você não vá mais na minha porta. Se você aparecer lá, você vai pro tronco!

Ele mandou ele raspar cana, fazer o trabalho mais bruto. Mariquinha se encontrou com ele e disse:

– Quando você voltar, passe lá em casa que eu quero lhe ver.

Ele disse:

– Eu não posso, seu pai não quer que eu vá mais em sua casa, vamos seguir o que ele quer.

– Não, não tem nada disso, não. Você tem de passar. Não tem nada dessa bobagem. Meu pai não quer que eu goste de você, você é meu irmão. Eu gosto de você, o que é que tem?

O pai apareceu na janela e viu ele conversando. Mandou chamar dois negros pegar ele e botar no tronco. Falou:

– Vamos logo mostrar a ela o que é que tem de ser feito com esse menino!

Botou ele no tronco, deu muita pancada, que ele saiu dali quase morto. Quando acabou, mandou jogar numa casa daquela. E ameaçou:

– Ninguém vai levar nada pra ele, deixa ele lá pra ele morrer!

Ela acordava de madrugada, quando todo mundo tava dormindo, e ia com remédio pra passar, dava água, dava leite, tudo pra ele melhorar. Ele pensando

que estava prestes morrer. Um dia, o pai ia passando, ele melhorzinho. Chamou o escravo e perguntou:

– Por que ele está sobrevivendo?

– Ah, meu patrão, o senhor não sabe? Sua filha toda noite vem trazer...

– Quem, minha filha?!

Ele disse:

– Sim! Vem trazer alimentação.

– Quando ela tiver lá, me chame.

Quando ela foi cuidar de Zezinho, o escravo foi chamar o patrão. Quando ela estava lá, o pai apareceu e gritou:

– Toquem fogo!

Ela estava lá dentro com ele.

– Toquem fogo na casa! Gritou várias vezes.

A casa era de palha e quando tocou fogo o incêndio começou. Lá dentro tinha um facãozinho. Zezinho pegou e começou a derrubar as varas da parede da ca-

bana. Saíram os dois... ele se arrastando. Mariquinha disse chorando:

– Eu não vou mais pra casa dele, faz de conta que ele me matou. Vambora.

– Você não vai voltar pra casa do seus pais?

– Não, vamos embora!

Saíram tarde da noite, ninguém viu. Disse:

– Eles vão pensar que a gente morreu.

Viajaram, passando noites, ele muito fiel, muito bom e não tocava nela, só como amigo e como irmão. Ia no rio pegava água...

– Maria, não sei o que é que nós vamos comer. Andava distante pra ver se arranjava um pãozinho, um negócio, pedia. Aí davam qualquer coisa, já em outros lugares. Até quando ele disse:

– Vamos que aqui já estamos bem distante, nós podemos sair do mato. Ninguém sabe que estamos vivos.

Ele foi, entrou nessa cidade com ela, disse:

– Olhe, aqui é uma irmã minha. Nós queremos emprego.

Ela disse:

– Eu quero de cozinha, de qualquer coisa, qualquer trabalho.

Logo encontrou trabalho e ele também.

– Bom, ele é meu irmão. Será que a senhora deixava ele dormir aqui? Mesmo lá embaixo, em algum lugar?

Ela tinha uma filha, disse:

– Não, você vai ser uma companheira da minha filha; eu não tenho filho homem, então ele dorme lá embaixo.

E começava a botar água nas casas. Água de ganho, fazendo trabalhos. Assim que ele pegava um dinheirinho, levava. “Ói, Maria, compre um vestido pra você!” ... “Ói, Mariquinha, compre isso pra você.” “Compre ...” Um dia ela disse:

– Não, compre uma roupa pra você, Zezinho!

Levantaram a cabeça e ele então disse que ia alugar uma casa para eles morarem. A dona da casa disse:

– Não, você deixe aqui. Nos demos muito bem com ela, ela é uma companheira muito boa, ela passou a ser uma filha minha, eu trato ela como uma filha!

Ela e o Zezinho ficou trabalhando. Aprendeu a ser barbeiro, botou uma barbearia. Um dia ele convidou:

– Mariquinha, vamos pra missa?

Mariquinha disse:

– Vamos.

Foram pra missa. Aí quando ela ia passando, um homem muito rico disse assim:

– Mas que moça linda! Gostando desse cara ...

Ele virou, chegou junto do homem, e falou:

– Não, eu não gosto dela, ela é minha irmã. Ela é minha irmã, por quê?

– É sua irmã? É porque eu achei ela tão bonita! Se ela quisesse gostar de mim ...

– Bom, aí é outro problema. Eu só quero livrar

minha barra que eu sou irmão dela.

Começaram dizer que era irmão pra o povo não criar mal. Ela começou a gostar deste homem. Era um homem muito rico. E logo começaram a se gostar e a dona da casa que ela morava também aceitou e foi indo, fizeram o casamento e ela passou a ser dona de muitas propriedades e fazendas e tudo. Mas ela não deixava de se lembrar da mãe. Mesmo com o pai assim, mas ela sempre conversava, chamou Zezinho, ele era um rapaz direito, não era abusado, ficou na casa dele, ela ajudou a comprar a casa. Uma casa direito pra ele. Ele disse que quando encontrasse uma moça ia se casar. Foi indo, foi indo, casou-se. Depois de muito tempo, ele aí disse assim pra Mariquinha:

- Mariquinha, eu estou com um pressentimento que nós já estamos bem de vida, vamos falar com nossa família. Minha mulher fica aí, seu esposo também. Vamos viajar pr'eu ver meus pais e você ver os seus.

Ele não vai poder fazer nada.

Mas o marido dela não aceitou e a mulher dele também não.

- Não, se vocês vão, por que nós vamos ficar aqui? Nós vamos, se você contou tudo como foi e já estamos entre família. Nós vamos.

Viajaram. Mas eles não encontraram nada. Aquelas muralhas, aqueles lugares, aquelas propriedades todas... nada. Eles encontraram um velho cego e perguntaram:

- Meu senhor, o senhor sabe aqui onde morava um senhor de engenho... (Disse o nome do senhor de engenho) Um senhor do engenho? Tinha muitos empregados, muitas indústrias ...

O cego respondeu:

- Sou eu!

Disse:

- O senhor...!? Por quê... O senhor está assim, o senhor não é um amigo meu?

O pai da moça disse:

– Ah, foi... eu, uma noite... já estou aqui há muitos anos mendigando, não posso ... não sei como eu ainda estou vivo; porque eu mandei um sujeito que queria casar com minha filha, e eu mandei tocar fogo, onde caiu, queimou o engenho todo, minhas indústrias todas, acabou com tudo! Minha mulher virou em cima da cama, morreu de coração e eu fiquei cego pra ver se salvava alguma coisa e não salvei. Até a casa... eu vivo assim todo acabado de tomar sol e chuva.

Ela aí disse:

– Meu pai, eu sou sua filha, Mariquinha!

– Não! É uma visão (Ele queria correr.) É uma visão! Eu queimei, eu matei! Eu matei você!

– Não, meu pai, não me matou! Naquele dia, Zezinho, olhe ele aqui, esse é Zezinho, ele saiu dentro do fogo pra me salvar. Ele não era o que o senhor pensava, ele não queria se casar comigo, eu sou casada. Olhe,

meu marido é esse aqui. E Zezinho também casou, tá bem casado. Eu vou levar o senhor pra morar comigo. Tá perdoado, Deus perdoa, foi bom que eu ainda lhe encontrei!

As outras pessoas todas tinham morrido queimadas, ela levou o pai e cuidou dele.

*Entrou pel'uma porta
Saiu pela outra
Quem achou bonita
Que me conte outra.*





Carlota Couto Farias, natural de Itaperoá-Ba, é uma das narradoras entrevistadas pelas pesquisadoras Doralice Alcoforado e Edil Silva Costa.

Os contos aqui reunidos foram gravados na cidade de Salvador em 1988 e transcritos segundo as normas do Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular da UFBA. No repertório que selecionamos predominam os contos de exemplo e de encantamento, dando uma pequena amostra do talento desta contadora de histórias.

Apoio:



ISBN: 978-85-7887-024-9



9 788578 870249